A VITÓRIA POPULAR NAS ELEIÇÕES MUNICIPAIS É O CAMINHO PARA A LEGALIDADE DO P. C. DO BRASIL

A CLASSE OPERÁRIA

LUTAR PELA LEGALIDADE DO P.C.B. É LUTAR PELA DEFESA DA DEMOCRACIA EM NOSSA PATRIA

ANO II — RIO DE JANEIRO 15 DE OUTUBRO DE 1947 — Nº 95

DISCURSO PELA PAZ

★ OS PLANOS TRUMAN-MARSHALL VIOLAM OS PRINCÍPIOS DA O.N.U. ★ DENUNCIADOS NOMINALMENTE OS PROVOCADORES DE GUERRA ★ A CHANTAGEM IMPERIALISTA DA TERCEIRA GUERRA MUNDIAL ★ A U.R.S.S. ABSORVIDA PELA EDIFICAÇÃO PACÍFICA DE UMA NOVA VIDA ★ O PROJETO DE RESOLUÇÃO APRESENTADO PELA U.R.S.S. NA O.N.U. PARA PROIBIR A PROPAGANDA DE GUERRA ★ ÍNTEGRA DO DISCURSO PRONUNCIADO POR VISHINSKY, CHEFE DA DELEGAÇÃO SOVIÉTICA NA O.N.U. E VICE-MINISTRO DAS RELAÇÕES EXTERIORES DA U.R.S.S.

PUBLICAMOS hoje o discurso pronunciado pelo chefe da delegação da URSS na ONU, Andrei Vishinsky. Tal é a importância desse documento para a segurança da paz que as agências telegráficas e a "imprensa sadia", instrumentos dos provocadores de guerra, não lhe deram publicidade. Fazemo-lo nós, em edição especial, afim de que todo o povo e o proletariado, tomando conhecimento das palavras de Vishinsky, possam reforçar cada vez mais sua luta contra o imperialismo ianque, centro da reação mundial e da chantagem guerreira de Mr. Truman.

Senhor Presidente;

Senhores Delegados;

Um ano se passou depois da primeira sessão da Assembléia Geral. E' necessário lançar um olhar retrospectivo sôbre o caminho percorrido durante êsse lapso de tempo, analisar o trabalho que durante êsse período realizou a Organização das Nações Unidas, [illegible] as perspectivas possíveis. Cada delegação [illegible] país membro da ONU deve cumprir êsse dever que lhe incumbe com imparcialidade e com a consciência de sua alta responsabilidade neste assunto — o qual exige uma clareza absoluta, objetividade e respeito à verdade que deve ser mantida acima do que quer que seja.

Ora, olhando para trás, a delegação soviética deve constatar que, durante êsse curto período de tempo, serias falhas se manifestaram no trabalho da ONU. Estas falhas devem ser ressaltadas e definidas com tôda a resolução e todo o espírito consequente necessários. Elas se exprimiram principalmente no abandono dos princípios cardeais que são a base da Organização das Nações Unidas, e também, em vários casos, na violação direta de muitas resoluções importantes da Assembléia Geral.

Essas falhas provêm, em grande parte, do desejo de Estados influentes, membros da ONU, tais como os Estados Unidos da América e também a Grã-Bretanha, de utilizar a Organização a bem de seus interêsses estreitos de grupo, negligenciando os interêsses da colaboração internacional baseados nos princípios inscritos na Carta. A política que consiste em utilizar a Organização a serviço dos interêsses egoistas e estreitos de certos Estados leva à destruição da autoridade da ONU, como já aconteceu com a Sociedade das Nações, de triste memória.

Por outro lado, êsse estado de coisas não-satisfatório que existe na ONU e que tem repercussões nefastas sôbre sua autoridade, resulta de os Estados mencionados ignorarem deliberadamente a Organização, tentando aplicar uma série de medidas práticas, seja passando por cima da ONU, seja contornando a sua esfera de ação.

E' necessário chamar a atenção para o sério perigo que esta política está criando para a Organização das Nações Unidas, pois ela é incompatível com os princípios da Carta e com os objetivos e as tarefas que as Nações Unidas se fixaram ao criar esta Organização.

Os Estados Unidos e a Grã-Bretanha contrários à redução de armamentos

Entre as falhas mais importantes constatadas na atividade da ONU, convém assinalar, em primeiro lugar, a marcha não-satisfatória dos trabalhos na execução da decisão relativa à redução geral dos armamentos, adotada pela Assembléia a 14 de dezembro de 1946.

[illegible] relativa à redução [illegible] dos [illegible] [illegible] por unanimidade pela Assembléia geral, corresponde aos interêsses vitais das massas populares, de milhões de homens que, apesar do fim da segunda guerra mundial, continuam a suportar o fardo das despesas militares e dos onus excessivos que resultam do crescimento incessante dos armamentos. Ao mesmo tempo, essa resolução relativa à redução dos armamentos, adotada pela Assembléia, exprime as aspirações e os reclamos dos povos pacíficos que pedem o estabelecimento de uma paz estável e da segurança internacional; ela exprime as exigências que são ditadas pelos sofrimentos que foram suportados pelas perdas que se sofreram. E' precisamente por essas razões que essa decisão foi acolhida pelos povos do mundo inteiro com uma profunda satisfação e com uma grande esperança em sua realização rápida e total. Entretanto, essas esperanças não se concretizaram. Quando se tentaram indicador, no Conselho de Segurança e na Comissão para os armamentos ordinários, as medidas práticas necessárias para executar a decisão da Assembléia Geral sôbre a regulamentação e a redução geral dos armamentos, os representantes dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha impuseram para reduzir os armamentos, condições que não podiam deixar de levar ao fracasso a realização da referida decisão da Assembléia.

Tôda a atividade das delegações americana e inglesa na Comissão para os armamentos ordinários, demonstra que os Estados Unidos e a Grã-Bretanha não querem reduzir seus armamentos, não se querem desarmar, freiam o desarme, o que provoca ansiedade entre as nações amantes da paz.

A declaração feita pelo Sr. Bevin, em Southport, **na qual diz que não tem a intenção de ajudar o desarmamento**, responde de maneira convincente à questão de saber porque, no que concerne à execução da decisão da Assembléia sôbre a redução dos armamentos, a situação não é satisfatória.

E' o que ressalta igualmente no último discurso do Sr. Truman, em Petrópolis. **O presidente dos Estados Unidos sublinhou ali que as fôrças militares dos Estados Unidos serão mantidas**, e não disse uma palavra sequer sôbre o compromisso assumido pelas Nações Unidas, de acôrdo com as decisões da Assembléia Geral, de proceder a uma redução qualquer das fôrças armadas.

Esta posição dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha na questão da redução dos armamentos e a ausência de resultados positivos na execução das tarefas indicadas [illegible] [illegible] 14 de dezembro de 1946, despertam, quanto ao sucesso da obra que empreendemos, um alarma e uma inquietude justificados, agravados em particular pela corrida armamentista, incluindo a arma atômica, e os preparativos militares de certos Estados militar e econômicamente poderosos. Isso abala a fé na sinceridade das declarações pacificas das promessas relativas à resolução de poupar às gerações futuras as calamidades da guerra.

Os Estados Unidos fazem fracassar os trabalhos relativos à interdição da arma atômica

Milhões de pessoas simples se alarmam de modo especial pela situação insatisfatória no que concerne à interdição da arma atômica e de outros tipos principais de armas de destruição em massa. Esta angústia é tanto mais justificada quanto a arma atômica é uma arma ofensiva, uma arma de agressão. Ao fim de 18 meses de trabalhos na Comissão Atômica, não só não foi realizado nem uma das tarefas que lhe tinham sido confiadas pela Assembléia Geral de 14 de dezembro de 1946, mas ainda não foi feito progresso nenhum no sentido de sua execução.

De sua parte, o govêrno soviético fez várias gestões para contribuir à solução positiva desta questão. Como conseqüência e como complemento à sua proposta de uma Convenção internacional que proiba a arma atômica e os outros principais tipos de armas de destruição em massa, o Govêrno Soviético submeteu ao exame da Comissão Atômica uma proposta enumerando as medidas essenciais relativas a um controle internacional da energia atômica

(Continua na 2ª pág.)

ANDREI VICHINSKY, que chefia neste momento a delegação da União Soviética na Assembléia Geral da Organização das Nações Unidas, é um dos mais destacados diplomatas da pátria do socialismo. Homem formado na escola de Lenin e Stalin, Vichinsky se tornou mundialmente famoso por ocasião do julgamento da quinta-coluna fascista dentro da União Soviética, durante os processos movidos contra os espiões trotskistas e bukarinistas, que a serviço da reação mundial, do imperialismo alemão e japonês, tratavam de minar a estrutura do regime soviético.

O papel desempenhado pelo jóvem promotor Andrei Vichinsky foi dos mais brilhantes, exaltado inclusive por advogados burgueses, como o então embaixador dos Estados Unidos na União Soviética, Joseph Davies.

DEPOIS da guerra e da vitória da União Soviética sôbre seus principais inimigos, o nome de Vichinsky reapareceu no exterior como um dos mais destacados portavozes da diplomacia soviética, representando a URSS nas mais importantes conferências de armistício e paz.

Na primeira Assembléia Geral das Nações Unidas, Vichinsky presidiu a delegação da URSS, passando a ser considerado pela própria imprensa burguesa como um dos mais brilhantes oradores da ONU.

Recentemetne, foi distinguido com o "Prêmio Stalin" por sua obra jurídica sôbre a teoria das provas judiciais.

Ao iniciar-se a atual Assembléia das Nações Unidas, o aparecimento de Vichinsky foi saudado por aclamações gerais.

A situação internacional se apresentava com caracteristicas novas. As agências telegráficas americanas anunciavam uma "ofensiva" dos Estados Unidos contra a União Soviética.

O que se viu, porém, foi Vichinsky fazer uma análise objetiva e uma denúncia clara de tôda a trama dos imperialistas para transformarem a ONU em um instrumento para o expansionismo dos monopólios e trustes norte-americanos.

VICHINSKY não se limitou a denunciar: citou fatos, nomes. Apontou os responsáveis pela criminosa divisão do mundo: os que visam o domínio mundial, os senhores dos trustes e monopólios, que, como os agentes do imperialismo hitlerista, foram levados ao tribunal dos povos como forjadores de uma nova guerra.

OS PLANOS TRUMAN - MARSHALL VIOLAM OS PRINCÍPIOS DA O.N.U.

Discurso De Vishinsky
(CONTINUAÇÃO)

O grande presidente Roosevelt foi um dos maiores defensores da paz que Truman e Marshall sonham destruir. No cliché vemos o presidente norte-americano num encontro com Molotov, ministro do Exterior da URSS, efetuado durante a guerra contra o nazismo.

No entanto, esta proposta chocou-se contra uma forte oposição, principalmente da parte dos Estados Unidos. Pensando que conservarão o monopólio da arma atômica os Estados Unidos opõem-se a tôda tentativa de destruir os estoques de bombas atômicas que possuem e de impedir sua produção no futuro; ao mesmo tempo, êles aumentam de forma sistemática a produção dessas bombas. As divergências que se produziram nesse terreno entre os membros da Comissão entravam o seu trabalho e paralisam todos os esforços no sentido de resolver com sucesso a tarefa indicada para a Comissão.

Ora, é incontestável que muitas divergências poderiam ter sido postas de lado, se certas delegações — e entre elas a delegação americana — tivessem demonstrado uma atitude mais objetiva nessa questão. Ter-se-ia podido afastar, por exemplo, a divergência que se manifestou sôbre a proposta da delegação soviética para a destruição dos estoques existentes de bombas atômicas, depois da entrada em vigor da convenção que proíbe a arma atômica. Como se sabe, a maioria da Comissão manifestou seu acôrdo de princípio sôbre a necessidade de destruir os estoques de armas atômicas e de utilizar unicamente para fins pacíficos o combustível nuclear que elas encerram. Só a delegação dos Estados Unidos continua a protestar contra a destruição dos estoques de bombas atômicas, impedindo, assim, que seja adotada a resolução a êsse respeito, aprovada pela maioria da Comissão.

A atenção geral é igualmente atraída para a situação que se criou a respeito da inspeção. Até os últimos tempos, a delegação americana fazia ressaltar a importância especial da inspeção. A inspeção entra também nas propostas da delegação soviética como uma medida essencial depois da proibição da arma atômica. Agora, no entanto, a delegação americana passou de repente a minimizar a importância da inspeção, colocando em primeiro plano outras questões: a passagem das emprêsas atômicas sob propriedade de um órgão internacional; a administração; a concessão de licenças, etc.

Fazendo isso, a delegação americana deixa de levar em conta a opinião de sábios autorizados, os quais, como demonstra por exemplo o memorial do Conselho britânico da Associação dos sábios especializados nas pesquisas atômicas, de que fazem parte cientistas eminentes como Rudolf Peierls, Oliphant, Moon, e outros ainda, se elevam contra a posse dos meios de produção da energia atômica por um órgão de contrôle internacional. Sabe-se que os sábios ingleses fazem ressaltar, no memorial indicado, que a passagem para êsse organismo dos meios de produção, "como propriedade absoluta no sentido comum desta palavra, levantaria dificuldades, pois autorizaria o órgão de contrôle da energia atômica a decidir se tal ou tal país tem o direito de construir usinas energéticas, assim como estabelecer as condições em se deve fazer o aprovisionamento dessa energia".

Criticando as propostas já difundidas pela delegação americana no tempo do sr. Baruch, os sábios ingleses dizem com razão: — "Esta restrição criaria a possibilidade de ingerências na vida econômica de cada país, a um ponto que não é necessário, para impedir a aplicação da energia atômica para fins de destruição".

Assim falam os homens de ciência, que examinam o problema dado segundo os interêsses do progresso científico, o qual é incompatível com o contrôle ilimitado exercido por qualquer organismo internacional centralizado sôbre o trabalho de pesquisa científica que vise fins pacíficos, a descoberta e o crescimento dos recursos energéticos.

Eis porque o memorial dos sábios ingleses especializados nas pesquisas atômicas se pronuncia a favor de um plano que forneça uma garantia contra a acumulação de materiais perigosos, sem a autorização dos órgãos de contrôle da energia atômica, e que permita, ao mesmo tempo, a todos os países, desenvolver as iniciativas de construção em seus territórios de usinas de produção de energia atômica, além de outros recursos energéticos.

A U.R.S.S. é pela proibição da arma atômica e por um severo contrôle internacional

Tendo em vista a consolidação da paz geral, a União Soviética propôs que se concluísse uma convenção proibindo, em qualquer caso que seja, o emprêgo da arma atômica. Essa proposta da União Soviética teve uma ampla repercussão e encontrou apoio em todos os países. **"Essa convenção — diz um memorial da Associação britânica dos trabalhadores científicos — nos parece muito desejável e é difícil justificar a recusa em aceitá-la que houve da parte dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha".**

Apreciando a reivindicação da U.R.S.S. no tocante à destruição dos "stocks" das armas atômicas existentes e o abandono da sua produção, os sábios britânicos escrevem que essa reivindicação é o que há de mais razoável.

O govêrno soviético é partidário de um contrôle internacional severo sôbre as emprêsas de energia atômica, mas êsse contrôle não deve degenerar em ingerencia nos ramos da indústria nacional e nas questões que não estão ligadas à energia atômica. Ainda aí têm razão os sábios ingleses especializados nas pesquisas atômicas, quando exprimem, no seu memorial de 23 de janeiro, o desejo de que **"o direito da inspeção seja tanto quanto possível limitado e não se transforme num instrumento para satisfazer a uma curiosidade imoderada no domínio da indústria lícita e nos outros ramos de atividade".**

No memorial publicado no mês de agôsto dêste ano, os sábios britânicos assinalam uma vez mais a necessidade de indicar limites determinados ao direito de inspeção, o qual não deve ser o instrumento de serviços de informações econômicas e militares organizados. **"Os Estados Unidos e os outros partidários do plano Baruch — diz o memorial — devem ser convidados a formular garantias suscetíveis de assegurar uma situação em que nenhum plano de inspeção poderia se transformar num sistema DE ESPIONAGEM CUIDADOSAMENTE ELABORADO".**

Partindo dos princípios, expostos acima, de organização de contrôle internacional, o qual, repetimos, deve ser real poderoso e efetivo, a delegação soviética estima que é necessário colocar os órgãos de inspeção dentro de certos quadros, limitar seus direitos às tarefas de contrôle efetivo da energia atômica, de modo que não possam ser utilizados para imiscuir-se abusivamente em todos os ramos de economia nacional, sendo desnecessário frisar que esta ingerência só pode minar e abalar a economia nacional de qualquer país.

A delegação americana e algumas outras delegações que a apoiam insistem muito especialmente em que a propriedade e a direção de tôdas as usinas que produzem materiais atômicos em quantidades perigosas sejam confiadas ao organismo internacional de contrôle. Êste se transforma num proprietário que agiria segundo a exigência e os interêsses da maioria de seus membros com cuja boa vontade a União Soviética não pode contar. **Ora, é precisamente nesse sentido que atuam as delegações que se agruparam em tôrno da delegação americana e que agem sob sua direção. O memorial dos sábios ingleses, já citado, não esconde que o plano americano de organização do contrôle da energia atômica prevê medidas que, segundo o mesmo memorial "podem ser interpretados como um apoio à hegemonia dos Estados Unidos no domínio da energia atômica..."**

A delegação soviética se insurge e se insurgirá no futuro contra esta situação, e lutará, não pela hegemonia de um país no órgão de contrôle internacional, mas pela igualdade de todos os membros dêsse órgão em tôda a sua atividade.

A propósito disso, convém também recordar que os representantes dos Estados Unidos na Comissão Atômica levantam-se tenazmente contra o estabelecimento simultâneo do contrôle sôbre a produção atômica em tôdas as suas fases, desde a extração das matérias primas até a entrega dos produtos acabados.

Os representantes dos Estados Unidos propõem que se adie para uma data indeterminada o estabelecimento do contrôle sôbre as últimas fases, as mais perigosas da produção atômica, em que os Estados Unidos presumem possuir atualmente uma posição de monopólio. Ao mesmo tempo, êles insistem pela introdução imediata do contrôle na fase inicial da extração das matérias primas.

Fica bem evidente que a posição americana só pode ser interpretada como uma posição que visa impedir que o contrôle se estenda aos Estados Unidos, enquanto que todos os outros países ficariam, desde agora, submetidos ao contrôle internacional.

Tal é a situação na questão atômica.

Compreende-se que não é possível contar com o sucesso dos trabalhos que certas delegações não manifestaram nenhum desejo de colaborar na realização dos objetivos indicados na resolução da Assembléia geral de 14 de dezembro do ano passado. Não se pode tolerar uma situação des-cas, nem resignar-se diante do fato de que não foi ainda conjurada a ameaça de utilizar a energia atômica para destruições em massa e exterminação de populações pacíficas. A consciência dos povos não pode tolerar uma situação em que, apesar do apêlo da O.N.U. para acabar com as armas atômicas e os outros tipos principais de armas de destruição em massa dos homens, a preparação dêsses meios de destruição em massa não só continua, mas aumenta cada vez mais.

Os planos Truman-Marshall são incompatíveis com os princípios da O.N.U.

A doutrina Truman e o "plano Marshall" são exemplos particularmente gritantes de violação dos princípios da O.N.U. e de ignorância voluntária desta Organização.

Como a experiência dêstes últimos meses demonstrou, a proclamação dessa doutrina marca a passagem do govêrno dos Estados Unidos ao repúdio aberto dos princípios de colaboração internacional e das ações combinadas das grandes potências, para tentativas de ditar sua vontade a outros Estados independentes, utilizando ao mesmo tempo os recursos econômicos concedidos a título de socorro a certos países necessitados como um meio evidente de pressão política. Temos uma prova chocante disso nas medidas aplicadas pelo govêrno dos Estados Unidos na Grécia e na Turquia, fora da Organização das Nações Unidas e contornando a esta, assim como as medidas projetadas na Europa de acôrdo com o "plano Marshall".

Essa política está em contradição flagrante com o princípio proclamado pela Assembléia Geral em sua resolução de 11 de dezembro de 1946, segundo o qual a ajuda aos outros países "não deve em caso algum ser utilizado como arma política".

O plano Marshall, no fundo, é apenas, como está evidente agora, uma variante da doutrina Truman adaptada às condições da Europa de após-guerra. **Propondo êste "plano", o govêrno dos Estados Unidos contava manifestamente com o concurso dos governos da Grã-Bretanha e da França: colocar os países europeus que têm ne**cessidade de ajuda diante da necessidade de renunciar o seu direito imprescritível de dispor de seus recursos econômicos e de planificar à sua vontade e economia nacional: êle contava colocar todos êsses países sob a dependência direta dos interêsses dos monopólios americanos que se esforçam por criar um preventivo à crise que os ameaça através de exportação intensificada de mercadorias e de capitais para a Europa.

Sabe-se que os países da Europa, apesar de sua situação difícil e das dificuldades de restabelecimento econômico depois da guerra, não consentiram todos em tal atentado à sua soberania, em tal ingerência em seus assuntos internos; sabe-se que os países que entabolaram conversações sôbre essas questões em Paris começam a compreender cada vez melhor o perigo de sua situação, reconhecendo de mais em mais o sentido verdadeiro dessas ofertas de socorro. Torna-se cada dia mais claro para todos que a realização do plano Marshall significará a subordinação dos países europeus ao contrôle econômico e político dos Estados Unidos e a ingerência direta dêstes últimos em seus negócios internos.

Ao mesmo tempo, êsse plano é também uma tentativa de dividir a Europa em dois campos, e de rematar, com a ajuda da Grã-Bretanha e da França, a formação de um bloco de vários Estados europeus, bloco hostil aos interêsses dos países democráticos da Europa Oriental, e em primeiro lugar, da União Soviética.

Uma particularidade importante dêsse plano é a tentativa de opor aos países da Europa Oriental um bloco de vários países da Europa ocidental, inclusive a Alemanha ocidental. Ao mesmo tempo, pensa-se em utilizar a Alemanha ocidental e a indústria pesada alemã (Ruhr) como uma das bases econômicas mais importantes da expansão americana na Europa, em prejuízo dos interêsses nacionais dos países vítimas da agressão alemã.

Basta recordar êsses fatos para fazer aparecer de maneira incontestável a incompatibilidade total dessa política dos Estados e dos governos francês e inglês que os apoiam, com os princípios fundamentais da O.N.U.

Violação das decisões da O.N.U.

Não se poderia tampouco considerar normal a situação existente entre vários Estados membros da ONU em suas relações mútuas; fôrças armadas estrangeiras continuam a estacionar em territórios de Estados membros da ONU, onde servem de meios de ingerência política em seus assuntos internos, engendrando por isso mesmo relações injustas de dependência entre Estados, contrárias à Carta das Nações Unidas. As tropas britânicas continuam ainda no Egito, contra a vontade dêsse país; na Grécia, em violação à sua Constituição; na Transjordânia, que apresentou um pedido de admissão à ONU. As tropas americanas continuam a estacionar na China, o que está longe de contribuir para o estabelecimento da paz e da tranquilidade internas nesse país. As tropas estrangeiras não devem estacionar em territórios não-inimigos, se êsse estacionamento não estiver ligado à guarda das vias de comunicação com os antigos territórios inimigos durante o período da sua ocupação. A consolidação da paz universal e da confiança mútua entre os países reclama uma solução muito rápida e positiva da questão da evacuação dos países não-inimigos pelas tropas estrangeiras que não asseguram a guarda das vias de comunicação com antigos países inimigos.

Convém notar que certos membros da ONU não observam importantes decisões da Assembléia: sôbre a questão espanhola (a Argentina); sôbre a questão da discriminação social aplicada aos indús na África do Sul; sôbre o estabelecimento da tutela de antigos territórios sob mandato, do Sudoeste Africano (União Sul-Africana).

A Assembléia Geral não pode deixar de tomar em consideração essas ações de certos membros da ONU que comprometem a realização de seus objetivos e diminuem a sua autoridade.

A êsse respeito, não poderíamos passar em silêncio os acontecimentos que se desenrolam na Indonésia. E' impossível qualificar êsses acontecimentos de outra maneira senão como um ato de agressão cometido contra o povo indonésio por um Estado membro da ONU. A agressão

(Continua na 3.ª pág.)

A "CHANTAGEM" IMPERIALISTA DA TERCEIRA GUERRA MUNDIAL

Discurso De Vishinsky
(CONTINUAÇÃO)

militar não provocada da Holanda contra a República Indonésia suscitou a legítima indignação de tôdas as pessoas honestas do mundo. Pois bem: a Organização das Nações Unidas concedeu ao povo indonésio a proteção reclamada? Sabemos que isso não se deu. Quando do exame da questão indonésia no Conselho de Segurança, vários Estados não pouparam esforços para reduzir a importância dos acontecimentos da Indonésia e impor ao Conselho de Segurança uma questão, uma decisão que em caso nenhum poderia ser considerada como suficiente para proteger os interêsses legítimos da República indonésia, vítima duma agressão armada.

E' claro que tais decisões só podem minar a autoridade da ONU que tem justamente como missão assegurar a manutenção da paz entre os povos.

Nossa atenção é atraída também pelo fato de certas potências influentes, que não manifestaram o interêsse necessário pela solução da questão espanhola e outras formuladas acima, demonstrarem interesse muito especial pela questão iraniana, que continua sempre a figurar na ordem do dia do Conselho de Segurança, dezoito meses depois de sua completa solução e depois da declaração do próprio Irã pedindo que essa questão fosse riscada da ordem do dia do Conselho de Segurança. E' impossível deixar de observar a tendência obstinada dos delegados dos Estados Unidos e da Grã Bretanha a manter, a todo preço e contra todo bom senso, a questão iraniana na ordem do dia do Conselho de Segurança, evidentemente dentro de outros objetivos bem determinados. Com mais razão ainda convem prestar especial atenção ao fato de que a extraordinária obstinação manifestada neste assunto pelos membros americanos e inglêses do Conselho não parece abalar-se nem mesmo pela explicação, plenamente justificada, do Secretário Geral, segundo a qual não existe nenhum motivo para que o Conselho de Segurança se ocupe da "questão iraniana".

No tocante à questão do Conselho de tutela, a delegação soviética acha também necessário fazer as observações seguintes:

Na sessão da Assembléia geral de 13 de dezembro de 1946, a delegação da URSS criticou os acordos de tutela sôbre os antigos territórios sob mandato submetidos à aprovação da Assembléia, ficando compreendido que a preparação mesma dêsses acordos, assim como alguns de seus artigos, não correspondem às exigências previstas pela Carta das Nações Unidas.

O fato de ter-se baseado o Conselho, em sua organização, sôbre os acordos mencionados com as falhas já assinaladas, não podia deixar de exercer certa influência sôbre a atitude da delegação da URSS na questão da eleição dos membros do Conselho organizado com base dêsses acordos. A delegação soviética mantem-se sempre dentro do ponto de vista expresso a êsse respeito na sessão da Assembléia Geral da ONU de 13 de dezembro de 1946. A delegação soviética, membro permanente do Conselho de tutela, almejaria que as infrações à Carta, acima assinaladas, cometidas no momento de conclusão dos acordos de tutela, sejam retificadas, o que facilitaria incontestavelmente ao Conselho de tutela o cumprimento das tarefas que lhe cabem.

E' mais do que evidente que isso responderia ao interêsse da ONU em seu conjunto, assim como à população do território sob tutela.

A saúde do povo merece o maior cuidado do govêrno soviético. Na foto acima, vemos um desfile de jovens soviéticas na capital da URSS.

A marcha não satisfatória dos trabalhos da ONU não é um produto do acaso, mas a consequência da atitude adotada por vários membros dessa organização — e em primeiro lugar os Estados Unidos e a Grã-Bretanha — em relação à própria ONU. Essa atitude não concorre para consolidar a Organização das Nações Unidas e nao serve a causa da colaboração internacional. Ao contrário: ela enfraquece e abala a ONU, o que indubitàvelmente corresponde aos planos e às intenções dos meios reacionários dêsses países, sob a influência dos quais se executa essa política.

A URSS é pelo fortalecimento da O.N.U.

No que toca à União Soviética, sua política em relação à ONU, consiste em consolidar essa organização, em ampliar e reforçar a colaboração internacional, em respeitar a Carta, inflexivelmente e de maneira consequente, e em pôr em prática os seus princípios.

O fortalecimento da ONU só é possível com a condição de respeitar a independência política e econômica dos Estados, de respeitar a igualdade soberana dos povos, e de observar, de forma consequente e rigorosa, um dos mais importantes princípios da ONU: o do acôrdo e da unanimidade das grandes potências na solução das questões mais importantes relativas à manutenção da paz e da segurança internacionais.

Isso está em perfeito acôrdo com a responsabilidade particular dessas potências pela conservação da paz, e constitui a garantia da defesa dos interêsses de todos os países, pequenos e grandes, membros da Organização das Nações Unidas.

A União Soviética considera de seu dever lutar resolutamente contra tôdas as tentativas de enfraquecimento dêsse princípio, quaisquer que sejam os motivos sob os quais elas se camuflam.

Devo dizer ainda algumas palavras relativamente ao discurso pronunciado pelo Secretário de Estado dos Estados Unidos, sr. Marshall. Em seu discurso, êle abordou questões que já foram discutidas muitas vezes. A maioria dessas questões está inscrita na ordem do dia da Assembléia, de maneira clara e especifica; poderemos, em consequência, explicar-nos sôbre elas no lugar e no momento convenientes. O discurso do sr. Marshall apresenta também questões novas: A delegação soviética considera que é necessário estudar, desde agora, algumas dentre elas.

Ameaça sôbre a independência e a integridade territorial da Grécia

Embora adiando a discussão dessa questão, com a amplitude necessária, até o momento em que a Assembléia tratará dela, segundo o protocolo estabelecido, a delegação soviética acha necessário observar que a maneira de apresentar esta questão é completamente destituida de todo fundamento. As acusações levantadas pela delegação americana contra a Iugoslávia, a Bulgária e a Albânia, são absolutamente arbitrárias e destituidas de qualquer prova. Elas vão muito além das conclusões adotadas pela maioria da Comissão, conclusões que não foram sustentadas por cerca da metade dos membros dessa Comissão, e que não resistem à critica desde que sejam examinados com um pouco de seriedade os dados sôbre os quais elas se apoiam. Não será difícil demonstrar que o relatório da maioria da Comissão sôbre a "questão grega" está cheio de contradições e deduções forçadas, que tiram tôda importância às conclusões dessa maioria.

A questão da Coréia

Depois de haver apresentado as coisas numa forma arbitrária e inexata, como se a esterilidade dos trabalhos da Comissão soviético-americana para a Coréia fosse imputável à União Soviética, o sr. Marshall fez uma proposta que constitui uma violação direta do acôrdo sôbre a Coréia concluido em Moscou, em dezembro de 1945, pelos três Ministros das Relações Exteriores. Segundo êste acôrdo, os Estados Unidos e a URSS assumiram conjuntamente a obrigação de preparar a solução do problema da unificação da Coréa num Estado democrático independente. A nova proposta do sr. Marshall é uma violação das obrigações contraídas pelos Estados Unidos: ela é, em consequência, injusta e inaceitável. Em lugar de adotar decisões conformes com o acôrdo de dezembro de 1945, em Moscou, sôbre a Coréa, a fim de elaborar os planos combinados e submetê-los ao exame dos govêrnos dos Estados Unidos, da URSS, da Grã-Bretanha e da China, o govêrno dos Estados Unidos prefere violar as obrigações que contraiu, esforçando-se por agir de maneira unilateral e absolutamente injustificada, utilizando-se da autoridade da Assembléia Geral. O govêrno soviético não pode consentir na violação do acôrdo citado sôbre a Coréa e insistirá pela rejeição da proposta apresentada pelo sr. Marshall, por estar a mesma em contradição com as obrigações contraidas no acôrdo das três potências sôbre a Coréa.

A questão do Comité Provisório encarregado de dar "uma atenção constante aos trabalhos da Assembléia" e de resolver as questões de caráter "permanente"

O sr. Marshall propõe que seja prevista a criação de um Comité de Assembléia Geral, de caráter permanente, sob o nome de "**Comité provisório para as questões que interessam à paz e à segurança**". Apesar das reservas formuladas na proposta americana, segundo as quais êsse Comité não tocará nas questões cuja responsabilidade principal cabe ao Conselho de Segurança e às Comissões especiais, está fora de dúvida que a sugestão de criar um Comité provisório não passa duma tentativa mal dissimulada de substituir e de contornar o Conselho de Segurança. Êsse Comité seria encarregado de examinar as situações e os litígios que prejudicam às relações amigáveis, quer dizer — exerceria funções que não são outra coisa senão as próprias funções do Conselho de Segurança, previstas, em particular, pelo Artigo 34 da Carta das Nações Unidas.

Bastariam estas razões para que tais funções não possam ser transferidas a nenhuma outra instituição, qualquer que seja o seu nome, sem violar abertamente e diretamente a Carta da ONU, coisa em que, é mais do que evidente, a delegação soviética não pode consentir e contra a qual se levantará resolutamente. Repito-o: se as novas propostas indicadas acima, bem como as antigas propostas sob uma forma nova, forem submetidas pela delegação americana ao exame da Assembléia geral, a delegação soviética se reserva o direito de fazer uma analise detalhada e mais ampla dessas propostas quando elas forem examinadas, e pedirá a rejeição dessas propostas como contrárias aos princípios, aos objetivos e às tarefas da ONU, como sugestões cuja adoção só pode minar os próprios fundamentos da ONU.

A propaganda por uma nova guerra nos Estados Unidos

A delegação soviética considera necessário levantar diante da Assembléia Geral a questão muito importante das medidas contra a propaganda duma nova guerra, a qual se intensifica sem cessar em vários países.

Mais de dois anos já se passaram desde que em S. Francisco a Carta da Organização das Nações Unidas foi assinada e ratificada em seguida, por 52 Estados. Esta Carta inaugurava a atividade da nova Associação internacional, que se propunha como objetivos garantir a paz e a segurança dos povos, desenvolver e fortalecer a cooperação internacional, tendo em vista o progresso social e econômico dos povos.

A criação da ONU liga-se a êsse periodo em que o principal inimigo nos países democráticos — a Alemanha hitlerista — acabava de ser batido e em que a derrota do Japão estava próxima. O esfôrço dêsses inimigos da humanidade para edificar sua hegemonia mundial sofreu um desmoronamento completo em consequência da vitória histórica dos países democráticos, tendo à sua frente a coalizão anglo-soviéto-americana. Dois antiquissimos focos de guerra foram destruidos.

Queremos estar seguros de que estão destruidos para sempre, que a tarefa, estabelecida pelos Aliados, de desarmar completamente a Alemanha e o Japão será levada a bom têrmo, e que êsses Estados nunca mais farão pesar sôbre os povos amantes da liberdade a ameaça de guerra e de agressão. Queremos estar seguros de que a terrível lição infligida aos Estados agressores na segunda guerra mundial não foi dada em vão e que a sorte dos agressores, severamente punidos na última guerra, servirá como uma advertência salutar aos que, menosprezando as obrigações que contrairam e que têm por fim desenvolver as relações amistosas entre os povos e consolidar a paz e a segurança no mundo inteiro, prosseguem, secreta ou publicamente, nos preparativos de uma nova guerra. A psicose de guerra desenvolvida pelos esforços dos militaristas e expansionistas de certos países e em primeiro lugar dos Estados Unidos, propaga-se cada vez mais e toma um caráter cada vez mais ameaçador.

Há já bastante tempo que uma campanha encarniçada vem sendo feita pela imprensa, sobretudo na imprensa americana, e na imprensa dos países que seguem dòcilmente os Estados Unidos, tais como a Turquia, para preparar a opinião pública à idéia de uma nova guerra. Todos os meios de ação psicológicos — jornais, revistas, rádio, cinema — são postos a seu serviço.

Essa propaganda por uma nova guerra é realizada sob as bandeiras e os pretextos mais diversos. Mas, qualquer que seja a diversidade dessas bandeiras e dêsses pretextos, a essência dessa propaganda é sempre a mesma: trata-se de justificar a corrida insensata dos armamentos, inclusive a arma atômica, que se desencadeia nos Estados Unidos; de justificar as ambições desenfreadas dos meios influentes dos Estados Unidos para realizar planos expansionistas, tendo como centro a "idéia" absurda duma hegemonia mundial. A imprensa americana derrama em vagas imensas a propaganda por uma nova guerra e apelos para que ela seja preparada melhor e mais depressa.

Tôda uma série de jornais e de revistas, sobretudo americanos, soltam gritos, cada dia em todos os tons, a respeito de uma nova guerra e se entregam sistemàticamente ao envenenamento psicológico da opinião pública de seus países respectivos: os fazedores de guerras realizam sua campanha sob o disfarce de ruidosas exortações ao reforçamento da defesa nacional e à necessidade de lutar contra o perigo de guerra que os ameaçaria de parte de outros países. Os propagandistas e fazedores de guerras esforçam-se, por todos os meios ao seu alcance, por intimidar às pessoas pouco familiarizadas com a política, através de fábulas e invenções mal-intencionadas relativas aos pretensos ataques que estariam sendo preparados contra a América pela União Soviética.

A U.R.S.S. está absorvida pela edificação pacífica de uma nova vida

Naturalmente, êles sabem que estão mentindo, que a União Soviética não cogita de atacar nenhum país, que a União Soviética consagra tôdas as suas fôrças ao reerguimento de suas regiões total ou parcialmente devastadas pela guerra, ao restabelecimento e ao desenvolvimento contínuo de sua economia nacional.

Os propagandistas e fazedores, de guerra que agem tanto nos Estados Unidos, como na Inglaterra, na Turquia, na Grécia e em alguns outros países, sabem muito bem que na União Soviética o povo inteiro — operários, camponeses e intelectuais — condena unânimemente tôda excitação a uma nova guerra. Ademais, isso seria impossível na União Soviética (Aplausos). A União Soviética está absorvida pela edificação pacífica, pelo trabalho pacífico, que se estende por todo o país, pelo restabelecimento das regiões devastadas, pela consolidação e desenvolvimento de tôda a sua economia nacional duramente posta à prova pela guerra imposta à União Soviética pelos bandidos hitleristas.

Na União Soviética, no país da democracia socialista, no país da edificação pacífica de uma vida nova, não há e não pode haver nada que recorde, mesmo de longe, o que se faz em outros países que se crêem democráticos e adiantados e que, ao mesmo tempo, toleram fatos tão vergonhosos como a propaganda da guerra, e contaminação da opinião pública pelo veneno do ódio ao homem e pela hostilidade para com as outras nações. Se alguém se permitisse na União Soviética uma declaração que representasse uma ínfima parte daquelas a que estão imbuidas da sêde cri-

(Continua na 6.ª pág.)

A UNIÃO SOVIÉTICA

O CAMARADA STALIN

M. KALININ

O camarada Stalin é um homem feliz. Pode estar orgulhoso. Quando completa os 60 anos, um país enorme, a sexta parte do mundo, chegou ao socialismo sob a sua direção.

Enormes são os méritos que alcançou perante os trabalhadores de todo o mundo, perante os povos da União Soviética e, sobretudo, perante o povo russo. Sua atividade política e social deve ser conhecida das grandes massas, porque constitui um exemplo de vida humana profundamente ideal.

A simples enumeração cronológica dos fatos de sua atividade prática, exterior, que todos viram, nos mostra o trabalho gigantesco realizado na marcha do movimento revolucionário na Rússia e, portanto, em todo o mundo.

Mesmo que se exponham os fatos em têrmos simples, não se pode ocultar o acendrado espírito de sacrifício do camarada Stalin, seu heroísmo, sua compreensão do fim visado, sua profunda compreensão das leis objetivas do desenvolvimento da sociedade.

Tinha 17 anos quando consagrou sua vida a libertar de tôda forma de opressão aos subjugados pelas cadeias do capitalismo. Entregou-se a esta causa sem poupar esforços. Desde então, tôda a sua vida esteve dedicada a essa causa e nada mais.

As pessoas excessivamente cuidosas menosprezam às vezes o trabalho simples, sobretudo se se trata de um trabalho técnico, dizendo que êsse trabalho as prejudica, impede seu desenvolvimento, limita seu horizonte. A atividade social do camarada Stalin demonstra claramente que um ideal concreto o trabalho mais simples uma transcendental trabalho político.

Ao deixar o seminário, rompendo com tôda a vida que legalmente o cercava, separando-se de sua família para passar à clandestinidade, visava o camarada Stalin objetivos pessoais, desejoso de dedicar-se a um trabalho que apenas ampliasse seu horizonte? Não, o que o camarada Stalin queria era fazer o mais possível pelo movimento operário revolucionário. Tôda atividade que auxiliasse êsse movimento lhe parecia valiosa e, por isso mesmo, altamente ideal. Por isso, vemos o camarada Stalin ocupado com todos os tipos e formas de trabalho devolucionário.

Organiza círculos clandestinos, desperta e reforça a energia revolucionária dos trabalhadores para a luta revolucionária comum. Escreve proclamações e ao mesmo tempo as imprime e distribui. Dirige greves de operários, toma a frente dos manifestantes, expondo-se aos maiores perigos, como dirigente. Escreve artigos de orientação que são apêlos para organizar um partido revolucionário, artigos que desmascaram e desancam o oportunismo em tôdas as suas formas e manifestações.

Perigrinando tôda a sua vida por cárceres e destêrros, transferindo-se de uma para outra cidade por decisão do Partido, onde o Partido tinha particular necessidade de homens abnegados, o camarada Stalin, juntamente com Lenin, organizou, criou e desenvolveu nosso Partido. Juntamente com Lenin, dirigiu o Partido, o movimento revolucionário e a insurreição armada de outubro.

Juntamente com Lenin, abriu uma brecha na frente capitalista e criou o Estado da ditadura do proletariado. Desde 1924 está à frente do Partido Comunista e do povo soviético. E' a esperança, o farol que guia milhões de trabalhadores. (Do livro "El sexagésimo aniversário de Stalin" — 1939).

★

"No presente, Moscou não é apenas a inspiradora da edificação de uma nova ordem social e econômica soviética, que substitui o govêrno do capital pelo govêrno do Trabalho e rechaça a exploração do homem pelo homem; ao mesmo tempo, é o arauto da humanidade que luta pela libertação da escravidão capitalista.

"O serviço prestado por Moscou é e há de ser o de arauto na luta pela paz duradoura e a amizade; arauto na luta contra os incendiários de uma nova guerra."

"Para os imperialistas, acrescentou o generalíssimo, a guerra é uma emprêsa lucrativa. Não é em vão que os agentes do imperialismo procuram, de um modo ou de outro, provocar uma nova guerra. O serviço prestado por Moscou consiste em desmascarar incessantemente os incendiários de uma nova guerra e de invocar todos os povos amantes da liberdade a olharem para Moscou, como a capital de uma grande potência amante da paz e baluarte da paz".

A URSS, BALUARTE DA PAZ

"No interêsse de paz universal, a União Soviética está sempre disposta ao amistoso trabalho conjunto com todos os países amantes da paz, grandes e pequenos. Na União Soviética não há grupos aventureiros belicosos, como entre as classes dominantes de alguns países onde, já agora, os insaciáveis imperialistas estimulam por todos os meios tôda sorte de charlatanices, não isentas de perigo, sôbre uma "terceira guerra mundial". Os verdadeiros partidários da paz e da segurança dos povos continuarão encontrando na União Soviética um fiel aliado e um firme apoio."

IGUALDADE DE DIREITOS

"Atribuo à Organização das Nações Unidas uma grande importância, pois que se trata de um sério instrumento para conservação da paz e da segurança internacional. A fôrça desta organização reside em que se baseia no princípio da igualdade de direitos dos Estados e não sôbre o princípio da dominação de uns sôbre outros. Se a Organização das Nações Unidas conseguir preservar também no futuro os princípios da igualdade de direitos, desempenhará, sem dúvida alguma, um grande e positivo papel na tarefa de garantir a paz universal e a segurança." (**Stalin, trecho de uma entrevista ao jornalista Gilmore, correspondente da agência americana Associated Press**).

A "DEMOCRACIA" DO SR. CHURCHILL

"Mr. Churchill afirma em seguida: "Os partidos comunistas, que eram extremamente insignificantes em todos os países orientais da Europa, adquiriram uma fôrça excepcional, que supera de muito a sua fôrça numérica, e se esforçam por estabelecer em todos os países um contrôle totalitário; pre-

O SERVIÇO PRESTADO Á HUMANIDADE ... DESMASCARAMENTO INCESSANTE DOS ...

Enquanto o imperialismo ianque, ... frente, deseja lançar o mundo num... do a chantagem da terceira guerra ... da paz, cuida de assegurar a tranq... as gerações de ...

A PROTEÇÃO AO TRA...

◆ **AS LEIS DO TRABALHO**

◆ **QUEM AS ELABORA?**

Trecho de um artigo de John J. Abt, conselheiro geral da Amalgamated Clothing Workers of America, do comitê po-

OS SINDICATOS têm sempre o direito de propor ao Ministro leis novas ou emendadas, direito do qual se utilizam constantemente. Por outro lado, as leis propostas por iniciativa dos Ministros não podem tornar-se efetivas até que tenham sido submetidas a uma deliberação mais completa por parte dos Sindicatos a que estão relacionadas.

Os Sindicatos não só têm iniciativa no que se refere à redação das leis do trabalho, como ainda possuem plenos poderes para fazê-las cumprir. Cada grupo sindical de 20 membros elege um delegado de proteção para o trabalho. Sua obrigação é vigiar as violações e fazer cumprir as leis do trabalhe que dizem respeito a seu grupo. Cada organização de oficina e de fábrica conta com um comitê de proteção do trabalho, com funções semelhantes.

Cada organização nacional, assim como o Conselho Central e Nacional de Sindicatos, possui um departamento de proteção às jornadas de trabalho. Além disso, as associações utilizam um Corpo considerável de inspetores das horas de trabalho.

Designa-se um inspetor para cada fábrica que empregue 3.000 ou mais trabalhadores, enquanto os inspetores regionais se ocupam das fábricas de menor importância em seu distrito. Seu dever é inspecionar tôdas as fábricas e demais emprêsas, pôr-se em contacto com os operários e investigar e apurar as transgressões.

Cada responsável pela supervisão do cumprimento das leis do trabalho, desde o capataz até o diretor da oficina, é obrigado a prestar informes periódicos nas reuniões do Sindicato sôbre o cumprimento ou não das leis do trabalho, a fim de que as critique em relação às condições existentes em seu departamento ou fábrica.

NO CASO em que o inspetor encontre uma transgressão às leis do trabalho, comunica-o à emprêsa. Se não são tomadas medidas imediatas, o inspetor tem o direito de impôr uma multa até de 500 rublos ao responsável pela direção da emprêsa. Se êste não pagar a multa, vai a juízo. Além disso, os representantes da emprêsa culpados de tais

...A - BALUARTE DA PAZ

...ADE PELA U. R. S. S. TEM SIDO O ...OS INCENDIÁRIOS DE NOVA GUERRA

...valescem governos policiais em quase todos êstes países e mesmo agora, com excepção da Checoslováquia, não existe nêles verdadeira democracia". Como se sabe, a Inglaterra é governada atualmente por um só partido, o Partido Trabalhista, com a

...nque, com Truman e Marshall à ...e numa nova carnificina, espalhan...gue, a mundial, a URSS baluarte ...a tranquilidade e o progresso para ...ões de amanhã.

particularidade de que os partidos da oposição não têm direito de participar no govêrno. A isto, Mr. Churchill chama democracia verdadeira.

Mas na Polônia, Rumânia, Iugoslávia, Bulgária e Hungria o govêrno é exercido por uma coligação de vários partidos — de quatro a seis partidos — com a particularidade de que a oposição, desde que mais ou menos leal, tem assegurado o direito de participar do govêrno. A isto Mr. Churchill chama totalitarismo, tirania, regime policial. Por que? Baseado em que? Não se espere pela resposta de Mr. Churchill. Mr. Churchill não compreende a situação ridícula em que se coloca, com

—x—

nização internacional consiste em que se baseia no seus palavrosos discursos sôbre totalitarismo, tirania e regime policial. Mr. Churchill gostaria que a Polônia fôsse governada por Sonskowski e Anders; a Iugoslávia por Mihailovitch e Pavelich; a Rumânia pelo príncipe Sterbey e Radescu; a Hungria e a Áustria por um rei qualquer da dinastia dos Habsburgo, etc. Mr. Churchill quer convencer-nos de que êstes senhores da camarilha fascista podem garantir "um verdadeiro espírito democrático". Tal é o "espírito democrático" de Mr. Churchill." **(Stalin, entrevista sôbre o discurso de Churchill, março de 46).**

A FÔRÇA DOS "HOMENS SIMPLES"

"... Mr. Churchill dirige-se aos "homens simples de casebres humildes", com ares de grande senhor, dando-lhes palmidinhas nos ombros e fingindo-lhes amizade. Mas êstes homens não são tão "simples" como pode parecer à primeira vista. Estes "homens simples" têm seus pontos de vista, sua política, e sabem defender-se. Estes milhões de "homens simples" não deram seus votos, na Inglaterra, a Mr. Churchill e a seu Partido; deram-nos aos trabalhistas. Estes milhões de "homens simples" isolaram na Europa os reacionários, os amigos da colaboração com o fascismo e preteriram os partidos democráticos de esquerda. Estes milhões de "homens simples", que viram os comunistas no fogo da luta e na resistência ao fascismo, concluiram que os comunistas merecem a mais completa confiança do povo. Cresceu portanto a influência dos comunistas na Europa. Esta é a lei do desenvolvimento histórico. Naturalmente Mr. Churchill não se considera satisfeito com a marcha dos acontecimentos, e toca a rebater, apela para a violência." **(Stalin, sôbre o discurso de Churchill — (14-3-46).**

...RABALHO NA U.R.S.S.

◆ QUEM AS FAZ CUMPRIR?

◆ SÃO ILEGAIS AS GREVES?

...lítico do CIO. O autor visitou, no ano passado, a União Soviética, integrando uma delegação de trabalhadores norte-americanos.

violações das leis do trabalho perdem as gratificações a que teriam direito e muitas vêzes respondem com uma parte substancial de seus salários. Pressupondo-se que a violação seja tão grave que uma multa de 500 rublos não basta, o inspetor pode iniciar, em nome do Sindicato interessado, um processo judicial para que seja imposta uma multa maior.

Muitas pessoas mal informadas e outras que deveriam sê-lo melhor mas que não estão interessadas na verdade e querem apenas caluniar os Sindicatos Soviéticos, afirmam e constantemente repetem a falsidade de que as greves estão proibidas pelas leis soviéticas. O certo é que não só as greves não são ilegais, como a lei do Soviet autoriza especificamente aos Sindicatos a dirigirem uma paralização do trabalho caso seja necessário para fazer observar a legislação que protege os operários.

Mas, apesar dos Sindicatos terem êsse poder, o exercem em raras ocasiões. Isto, por numerosos motivos.

EM PRIMEIRO LUGAR, no sistema soviético foram abolidos os lucros privados. Daí não haver, como sob outros sistemas, nem proprietários nem acionistas particulares nos quais a perda de lucros que resultem de uma greve exerça uma pressão efetiva para que satisfaçam as reivindicações dos trabalhadores. Ao contrário, como o produto integral da produção na União Soviética passa a beneficiar todo o povo, entre a direção e o trabalho existe uma identidade absoluta de interêsse em manter a produção máxima e ininterrupta. Pelo mesmo motivo, a ausência de lucro privado elimina o principal incentivo que possa ter a emprêsa para resistir às legítimas exigências dos trabalhadores. Além disso, um diretor de fábrica soviética que permita a ocorrência de fatos tão graves que tornem necessária uma greve, será logo demitido de seu pôsto. O conhecimento dêste fato força a conclusão de um acôrdo satisfatório antes que seja necessária a greve. Finalmente, o regime soviético proporciona aos sindicatos os meios que êles próprios consideram satisfatórios para satisfação de suas conveniências e cumprimento de suas reivindicações.

LENIN E A CIÊNCIA SOVIÉTICA

J. STALIN

Camaradas: Permitam-me brindar à ciência, pelo seu florescimento, pela saúde dos homens de ciência.

Pelo florescimento da ciência, daquela ciência que não se isola do povo, que não se afasta do povo, que está sempre disposta a servir ao povo, a entregar-lhe tôdas as conquistas científicas, que serve ao povo não pela fôrça, porém voluntàriamente, de bom grado.

Pelo florescimento da ciência, daquela ciência que não permite a seus velhos e ilustres dirigentes encerrarem-se orgulhosamente na torre de marfim de pontífices da ciência, de monopolizadores da ciência; daquela ciência que compreende a significação, o alcance e a onipotência da união dos velhos e jovens trabalhadores da ciência; a que voluntàriamente, de bom grado, abre de par em par as portas da ciência às fôrças jovens de nosso país e lhes permite conquistar o pináculo do saber; a que reconhece que o porvir pertence aos jovens cientistas.

Pelo florescimento da ciência, daquela ciência cujos representantes compreendem a fôrça e a significação das tradições arraigadas na ciência e as aproveitam sàbiamente nas aras da ciência que tem a audácia e a decisão de romper as velhas tradições, normas e concepções, quando estas se tornam antiquadas e estorvam a marcha para a frente; daquela ciência que sabe criar novas tradições, novas normas e novas concepções.

No curso de seu desenvolvimento, a ciência conheceu muitos homens de valor que souberam demolir o velho e criar o novo, apesar de todos os obstáculos, frente a tudo e contra todos. Grandes homens de ciência como Galileu, Darwin e muitos outros, são universalmente conhecidos. Quero porém referir-me a um dêsses paladinos da ciência, que é ao mesmo tempo o maior homem de nossos tempos. Refiro-me a Lenin, nosso mestre e educador. Recordai-vos de 1917. Baseando-se na análise científica do desenvolvimento social da Rússia, na análise científica da situação internacional, Lenin chegou então à conclusão de que a única solução possível, na situação criada, era a vitória do socialismo na Rússia. Era esta uma conclusão mais que inesperada para muitos homens de ciência daquela época. Plekanov, homem de ciência eminente, falou então desdenhosamente de Lenin, afirmando que Lenin «delirava». Outros homens de ciência, não menos conhecidos que Plekanov, afirmavam "que Lenin ficara louco» que era preciso isolá-lo o mais longe possível. Contra Lenin bradava então tôda a classe de homens de ciência, como contra um homem que destruia a ciência. Porém Lenin não temeu ir de encontro à corrente, contra a rotina. E Lenin saiu vencedor.

Eis aí um modelo de grande homem de ciência, que luta valentemente contra a ciência antiquada e traça o caminho para a nova.

Lembremo-nos, também, de que os novos caminhos da ciência e da técnica são traçados por homens de renome universal na ciência, como também por homens completamente desconhecidos no mundo científico; homens simples, trabalhadores práticos, inovadores do ramo de sua atividade. Vêde aqui, sentados a esta mesa, os camaradas Stakanov e Papanin. Homens desconhecidos no mundo científico, que não possuem títulos universitários, homens práticos em suas obras. Porém, quem ignora que Stakanov e os stakanovistas no seu trabalho prático na indústria, despresaram como antiquadas tôdas as normas existentes, estabelecidas por conhecidos sábios e técnicos e introduziram novas normas de acôrdo com as exigências da verdadeira ciência e da verdadeira técnica? Quem ignora que Papanin e seus companheiros no seu trabalho prático realizado sôbre o banco de gelo flutuante fizeram cair por terra, como já antiquados, de um passo e sem esforços particulares, os velhos conceitos a respeito do Ártico, estabelecendo outros novos, de acôrdo com as exigências da verdadeira ciência? Quem poderia negar que Stakanov e Papanin são inovadores na ciência, homens de nossa ciência progressista?

Eis aqui como «milagres» podem ainda ocorrer na ciência.

Falei da ciência. Porém esta pode ser diferente.

A que acabo de referir-me chama-se ciência DE VANGUARDA.

Pelos progressos da nossa ciência de vanguarda!

A saúde dos homens de ciência de vanguarda!

Viva Lenin e o leninismo!

A saúde de Stakanov e dos stakanovistas!

A saúde de Papanin e de seus companheiros!

PROVOCADORES DE GUERRA: DORN, JORDAN, EARLE, EATON, MAC MAHON E OUTROS

Discurso De Vishinsky

(CONTINUAÇÃO)

minosa de uma nova carnificina, essa declaração encontraria uma resposta severa e uma censura pública — como sendo um ato perigoso sob o ponto de vista social.

Entretanto, êsses senhores que adotaram como profissão caluniar a U.R.S.S. e os outros países democráticos do leste da Europa, assim como perseguir os democratas conseqüentes e os adversários de uma nova guerra nos outros países, têm sempre os bolsos cheios de invenções caluniosas e mentirosas, falsificadas por êsses provocadores e fazedores de guerra e propagadas ao mundo inteiro por numerosos canais de informação.

Êles pregam infatigàvelmente a inevitabilidade e mesmo a necessidade de uma nova guerra, em nome da falsa necessidade de prevenir a política agressiva... da União Soviética e dos outros países da Europa oriental. E' o que se chama verdadeiramente inverter os papéis, ou, como diz um provérbio russo é o ladrão que grita — "pega o ladrão!" (Aplausos).

A preparação duma nova guerra nos Estados Unidos

A preparação duma nova guerra prossegue literalmente aos olhos do mundo inteiro. Aliás os propagandistas e fazedores de guerra não procuram mais escondê-lo. Êles ameaçam abertamente com a guerra aos povos pacíficos, embora não negligenciem nada para fazer cair sôbre êstes últimos a responsabilidade do desencadeamento de um novo massacre.

A preparação duma nova guerra, como se pode julgar por numerosos indícios, saiu já da fase da simples propaganda, da preparação psicológica e da guerra dos nervos. Numerosos fatos mostram que em certos Estados e isso se refere em particular aos Estados Unidos, a psicose de guerra é desenvolvida pela aplicação de medidas práticas de caráter militar e estratégico, combinadas com medidas técnicas e de organização, tais como a construção e melhoramento de novas bases militares, a redistribuição das fôrças armadas segundo um plano de futuras operações militares, a produção intensificada de novas armas e o trabalho febril pelo aperfeiçoamento das armas.

Ao mesmo tempo, novos blocos militares se formam, acordos militares de "defesa mútua" são concluídos, tomam-se medidas para estandardizar os armamentos, planos de novas guerras são elaborados pelos estados-maiores gerais... Não foi sem razão que o comentarista bem conhecido do rádio americano, Leon Pearson, se sentiu na obrigação de reconhecer numa emissão recente que **"os oficiais americanos se preparam lentamente e cuidadosamente para a nova guerra mundial na qual o adversário será a Rússia"**. E' assim que agem os propagandistas e os fazedores duma nova guerra. Com mêdo duma nova crise, êles atiçam uma nova guerra, contando afastar assim a ameaça premente duma bancarrota e a perda de seus lucros.

Os fazedores de uma nova guerra acalentam o projeto insensato de submeter à sua hegemonia, pela fôrça armada, os países que lutam pela sua independência e que recusam às outras potências o direito de imiscuir-se em seus assuntos internos. Êles tentam ditar-lhes suas leis nos domínios da política interna e externa.

Atiçando uma nova guerra e incitando os que os seguem a lutar contra certos Estados, os fazedores duma nova guerra pensam atingir seu objetivo por meio de guerras localizadas.

Evidentemente êles não levam em conta a experiência das guerras passadas que nos ensinam que na época atual tôda nova guerra se transformará, inevitàvelmente, numa nova guerra **mundial**. Esquecem que uma nova guerra mundial, com suas destruições estúpidas, a devastação de inúmeras cidades, o aniquilamento de milhões de homens e de valores imensos acumulados pelo trabalho humano, seria para a humanidade uma nova calamidade horrorosa que a lançaria várias décadas para trás.

A guerra — fonte de lucros para os monopólios ianques

Os representantes dos monopólios capitalistas americanos, das grandes emprêsas e dos ramos-chave da indústria americana, dos meios bancários e da Bolsa, assumiram o papel mais ativo nessa propaganda por uma nova guerra. Foram êsses mesmos círculos que auferiram da segunda guerra mundial, como já o haviam feito com a primeira, consideráveis lucros e que adquiriram no decorrer desta guerra enormes capitais.

Se se comparam os cinco anos que precederam à guerra — de 1935 a 1939 inclusive — com os cinco anos da segunda guerra mundial — de 1940 a 1944 inclusive — vemos que os lucros de tôdas as sociedades americanas durante os cinco anos que precederam à guerra feita a dedução dos impostos, atingiam 15 bilhões e 30 milhões de dólares, e que, durante os cinco anos da segunda guerra mundial, êles se elevaram, nas mesmas condições, a 42 bilhões e 300 milhões de dólares.

Segundo os dados do Ministério do Comércio, os lucros líquidos dessas sociedades se elevaram, durante os 6 anos de guerra, de 1940 a 1945 a 52 bilhões de dólares. Esses lucros foram ganhos a custa do sangue humano, das cidades destruídas, dos milhões e milhões de viúvas e órfãos que choram seus entes desaparecidos. O jornal "Economia Review", publicado pelo Congresso das "Organizações Industriais", cita, em seu número 11 de 1946, cifras interessantes sôbre o aumento dos lucros, descontados os impostos, de cinquenta companhias, em 1945 e 1946. Dêsses dados conclui-se que certos monopólios, durante a guerra auferiram lucros exorbitantes, na média de 200 e 300% e mais, atingindo em certas ocasiões 500% e quase 800%, como foi o caso por exemplo, da Companhia Açucareira Atlantic.

Ainda de acôrdo com a mesma revista, êsses lucros ultrapassaram de 4 vêzes os lucros médios do período 1936-1939. Quanto aos lucros comerciais, segundo John Steelman, diretor do Centro de estabilização econômica, êles atingiram, em outubro de 1946, a um máximo nunca antes alcançado.

Assim, a guerra não parece tão odiosa a êsses grupos monopolistas em certos países que utilizam as catástrofes da guerra para enriquecer-se. Não é, pois, por acaso que James Allen, em seu livro "Os monopólios internacionais e a Paz" indica "a perda de equilíbrio" e a "desordem fundamental" observados na vida econômica dos países capitalistas, e, citando uma afirmação extraída do relatório da organização governamental que estuda êsse problema, conclúi que **"sòmente as condições da guerra permitem ao sistema econômico moderno assegurar aproximadamente sua inteira utilização"**.

Não há necessidade de acrescentar comentários a uma confissão assim tão franca: ela é bastante eloquente por si mesma.

Deve-se notar que os monopólios capitalistas que conquistaram uma influência decisiva durante esta guerra, conservaram depois essa influência, aproveitando-se hàbilmente dos subsídios governamentais, que se contaram por bilhões de dólares, e da proteção que encontraram e continuam encontrando invariàvelmente junto dos diferentes organismos e serviços governamentais. Isso é facilitado pelas relações estreitas que mantêm com os senadores e os membros do govêrno, êles próprios, do primeiro ao último, membros dirigentes ou participantes dêsses monopólios.

Esta situação se faz sentir igualmente na pesquisa científica industrial, concentrada nos laboratórios de várias grandes emprêsas, sociedades por ações, trustes e "konzerns".

Isto é válido igualmente para o que toca às pesquisas sôbre a utilização da energia atômica. Monopólios capitalistas, tais como o truste químico Dupont, a Companhia química Monsanto, a Companhia Westinghouse, a General Electric, a Standard Oil e outras ainda, estão ligadas muito estreitamente a essa pesquisa e são os senhores absolutos nesse domínio.

Antes da guerra, êles mantinham, por intermédio dos cartéis, as mais estreitas relações com os trustes alemães e vários acordos de cartéis especificaram que depois da guerra a troca de informações deveria continuar.

Todos êsses fatos fornecem uma explicação suficiente do interêsse excepcional dispensado pelos diversos monopólios capitalistas à produção da arma atômica. Êsses fatos podem explicar à resistência tenaz oferecida ao pedido justo de proibição da arma atômica e de destruição do "stock" de bombas atômicas cuja produção custa somas enormes.

Os monopólios capitalistas estão à procura de lucros, e seus esforços para conservar custe o que custar e desenvolver ainda as indústrias da guerra que lhes asseguram lucros elevados, não podem deixar de influir sôbre a política exterior, acentuando as tendências militaristas, expansionistas e agressivas dessa política, para gáudio dos apetites cada dia maiores dos círculos monopolistas influentes.

A União Soviética desenvolve sua indústria de paz: no cliché automóveis marca «Moskvich» recem-fabricados numa fábrica de Moscou. (Foto Interpress).

Quem provoca uma nova guerra?

E' nessa fonte que se alimenta a propaganda por uma nova guerra nos Estados Unidos, onde os iniciadores não são sòmente representantes eminentes dos círculos americanos industriais e militares influentes, organizações influentes da imprensa e homens políticos importantes, mas também representantes do govêrno americano. Não é por acaso que os mais encarniçados fazedores de uma nova guerra são os homens estreitamente ligados aos trustes comerciais, industriais e financeiros e aos grupos de trustes e monopólios.

Não é necessário enumerar muitos deles. Bastará deter-me sôbre alguns, para tratar, bem entendido não de suas personalidades, de seus pontos de vista, ou de suas qualidades pessoais, etc., mas principalmente dêsses grupos ou instituições sociais, dessas sociedades industriais, técnicas e científicas cujos objetivos e interêsses êles representam.

1 — A 7 de maio, quando a Câmara dos Representantes discutia a proposta "de ajuda" aos governos grego e turco, o membro da Câmara dos Representantes **Dorn** fez uma declaração cínica, digna dêsse fazedor de guerra inveterado, e segundo o qual a União Soviética **"não pode ser detida por 400 milhões de dólares, mas que isso pode ser realizado graças à ajuda duma poderosa aviação militar e pelo bombardeio dos grandes centros industriais da U.R.S.S., da região industrial dos Urais e de outras zonas vitais"**. E isso foi dito na Câmara de Representantes dos Estados Unidos, por um homem que se considera como um representante do povo americano.

2 — O presidente do "bureau" de conferência **Jordan**, caluniou a União Soviética. Segundo êsse insolente personagem, os Estados Unidos **"devem produzir um grande número de bombas atômicas e apressar-se em servir-se delas contra determinado país, sem mesmo perguntar se há uma razão qualquer para acreditar que êsse país esteja produzindo armamentos"**.

3 — O antigo ministro dos Estados Unidos na Bulgária, **Earle**, fez uma declaração provocadora diante da comissão de inquérito das atividades anti-americanas, na qual ressalta que os Estados Unidos deveriam imediatamente recorrer à bomba atômica contra um país que se recusa a aceitar o projeto americano de inspeção. Procurando intimidar seu auditório falando de "bombas-foguetes soviéticos lançados por submarinos" de impulsionar o "desenvolvimento secreto das armas mais terríveis" e "uma advertência aos russos segundo a qual, quando a primeira bomba atômica fôsse lançada sôbre os Estados Unidos, os americanos destruiriam tudo na Rússia, até a última aldeia".

Êle insistiu sôbre o emprêgo das bombas atômicas contra a União Soviética.

4 — O presidente da Comissão dos Assuntos exteriores da Câmara dos Representantes, **Eaton**, publicou um artigo no "American Magazine" dizendo: **"Podemos ainda fazer o bloqueio psicológico da Rússia. Se não conseguirmos isso, devemos esmagá-la pela fôrça das armas"**.

Onde se pode ler isso? na revista "American Magazine". Quem diz isso? O presidente da Comissão dos Assuntos Exteriores. Pode-se ficar à espera de uma boa política exterior com um tal presidente da Comissão das Relações Exteriores. (Risos, animação na sala).

5 — O Senador **Mac Mahon**, antigo presidente da Comissão do Congresso para a energia atômica, declarou ao Congresso que os Estados Unidos deviam ser **"os primeiros a lançar as bombas atômicas se uma nova guerra atômica fôsse inevitável"**.

Num outro discurso, êle declarou que, se um acôrdo sôbre o contrôle internacional da energia atômica não pudesse ser realizado, restariam quatro possibilidades aos Estados Unidos: **"1.ª — acumular um "stock" enorme de bombas atômicas; 2.ª — desencadear a guerra imediatamente; 3.ª — constituir-se um organismo de contrôle internacional sem a União Soviética; 4.ª — fixar a data na qual o contrôle internacional entraria em vigor, e proclamar que tôda nação que se recusasse a submeter-se a êle seria declarada culpada "de agressão"**.

6 — O senador **Brooks**, do Illinois, em seu discurso no Senado a 12 de março dêste ano, teve o cinismo de declarar que, se os Estados Unidos tivessem escutado o conselho que lhes havia dado o partido Republicano desde antes da guerra, e se **"tivesse permitido aos alemães que destruíssem a Rússia"**, o programa atual de Truman não seria necessário. Acrescentou que, durante a guerra, os Estados Unidos ajudaram à União Soviética, enquanto que hoje, segundo Brooks, os Estados Unidos podem ser obrigados a fazer a guerra à União Soviética.

7 — O general **Deane**, antigo chefe da Missão militar americana na U.R.S.S., declara em seu livro que o programa de guerra dos Estados Unidos deve ser calculado de maneira a fazer frente à situação especial que poderia resultar duma guerra com a Rússia.

8 — O vice-presidente da Companhia Industrial "Cutler Hammer Inc." **Harwood**, declarou segundo o "Journal" que a bomba atômica é uma arma de pouca eficácia porque destrói bens imobiliários em quantidade excessiva em lugar de destruir unicamente os sêres humanos. Êsse mesmo Harwood declarou cinicamente, numa conferência do Instituto profissional americano, em Milwaukee, e prossegue textualmente: **"Embora isso possa parecer cruel, o tipo de arma que devemos possuir, se tivermos que lutar, é uma arma que matará sòmente os sêres humanos. Uma arma assim evitará numa guerra futura a necessidade de reconstruir os países e os bens numa escala tão vasta e tão dispendiosa"**.

9 — Devo enfim citar um nome que conheceis bem, o do sr. Dulles (animação na sala). John Foster Dulles, em seu discurso de Chicago, de 10 de fevereiro último pediu **"uma política exterior firme em relação à União Soviética"** afirmando que se os Estados Unidos não o fizessem e esperassem chegar a um compromisso qualquer com a União Soviética, a guerra se tornaria inevitável. No mesmo discurso, êle vangloriou-se de que, desde a queda do império romano, nenhum país jamais havia tido à sua disposição uma superioridade material tão grande quanto os Estados Unidos e concitou êste país a aproveitar-se dessa fôrça, para alcançar seus objetivos. Não se pode dizer nada: é um conselho bastante bom que dá aqui, um membro da delegação americana na ONU! (Risos, aplausos).

(Continua na 7.ª pág.)

INSTITUIÇÕES CIENTÍFICAS A SERVIÇO DA PROPAGANDA DE GUERRA

O sentido dessas declarações está claro. E' a excitação, ora aberta, ora mal disfarçada, a uma guerra contra a União Soviética. E' uma tentativa provocadora para desviar a atenção dos verdadeiros fazedores de guerra, para camuflar suas atividades de incendiários por tras das calúnias demagógicas sôbre "a revolução social através do mundo" e outras divagações, contando com a credulidade de ouvintes simplistas.

São êsses os fazedores duma nova guerra nas fileiras dos políticos americanos, e êles não vacilam, não sòmente em recorrer a brados deliberadamente caluniosos contra a União Soviética, e a atear o ódio contra êsse país, mas ainda em propagar sistemàticamente a idéia de que uma nova guerra é inevitavel e necessária. Aparecem assim, no papel de propagandistas e fazedores de uma nova guerra.

A campanha da imprensa reacionária alugada aos trustes

Seus discursos encontraram éco nas intervenções organizadas de reacionários inveterados, tais como a célebre "American Legion", no recente congresso do qual, alguns participantes, intoxicados pela loucura guerreira, berravam que **"ninguém podia ter ilusões e crer que a América não arrancaria a espada se as circunstâncias o exigissem". A psicose de guerra, a loucura guerreira, fazem seu trabalho, propagando sua influência maléfica.**

Numerosos órgãos da imprensa americana reacionaria que estão nas mãos de magnatas como Morgan, Rockfeller, Ford, Hearst, Mc Cormick, etc., nada ficam a dever aos politicos reacionários que se consagram à provocação duma nova guerra. Morgan controla os magazines "Time", "Life" e "Fortune", publicados pela casa editora bem conhecida "Times Incorporates" cujo maior acionista é a firma "Brown Brothers Harriman an Co."

Sabe-se que os grandes capitalistas da América sao os proprietários das grandes publicações — revistas, jornais, boletins — ou os mantêm sob seu contrôle, e que êles contam com suas próprias casas editoras, que invadem o mercado do livro com produtos literários de encomenda. Tôdas essas publicações, a pedido de seus patrões, fazem uma propaganda encarniçada para desencadear uma nova guerra, recorrendo a tôdas as insinuações e a tôdas as falsidades possiveis, fabricadas no tom desejado e com o fim de atear o ódio contra a União Soviética e às outras nações do léste da Europa, onde uma nova democracia se estabeleceu. Todos os dias, as páginas dêsses jornais e dessas revistas reboam com apêlos provocadores ao ataque contra outros países que estariam pondo em perigo, segundo êles, a segurança dos Estados Unidos, embora êsses órgãos de imprensa, tanto como seus patrões, saibam demasiado bem que ninguém se prepara para atacar os Estados Unidos e que êstes não têm de fazer frente a qualquer ameaça.

Não se pode deixar de citar, a titulo de exemplo, publicações tais como o "New York Herald Tribune" e um certo número de outros órgãos similares, principalmente da imprensa Hearst, que publicam, sistemàticamente, todos **os artigos provocadores possíveis, fazendo entrar no espírito de seus leitores que "a ação militar" se tornará necessária "se a Europa desmo**ronar-se ou cair sob o contrôle da União Soviética". Declarações dessa espécie não são coisa rara. Mas o fato essencial que deve ser posto em relevo não é que tais declarações sejam feitas, mas que elas não recebam a condenação que merecem, e que só pode fomentar novas provocações.

Esses jornais estão inteiramente nas mãos dos proprietários de certas emprêsas, e fazem o que lhes mandam fazer, apresentando seus exercícios literários como a expressão da opinião pública e pretendem ser os porta-vozes dos sentimentos, dos desejos e das aspirações do povo americano.

Pode se porém afirmar que o povo americano, tanto como os povos dos outros países democráticos, é contra uma nova guerra, num momento em que estão ainda abertas as cicatrizes do último conflito. Entretanto, na maioria dos casos, o povo não tem a possibilidade de exprimir suas necessidades e seus desejos nos livros, nos jornais e nas revistas publicadas em milhões de exemplares. Isso favorece, naturalmente, aos fazedores e propagadores duma nova guerra, que utilizam sua posição privilegiada em detrimento dos interêsses dos povos pacificos.

A propaganda das instituições científicas e universitárias americanas por uma nova guerra

O que acabo de dizer deve ser completado por algumas palavras no tocante à propaganda por uma nova guerra que é feita atualmente por diversas instituições científicas e universidades. Deve-se mencionar a êsse respeito a coleção intitulada **"A arma absoluta"** publicada recentemente pela Universidade de Yale, na qual um grupo de sábios autores, falando da arma atômica e do contrôle na aplicação da energia atômica, não acharam nada melhor como conclusão que a afirmação segundo a qual **"o método atualmente mais eficaz para impedir a guerra é a possibilidade de desencadear uma guerra atômica imediata".**

Debaixo da máscara de objetividade científica, esta revista descreve diversas variantes duma guerra atômica e diz entre outras coisas que, se a Aviação militar americana **"conseguir servir-se das bases do Norte do Canadá, as cidades da União Soviética estarão então a uma distância muito mais curta"** e, assim **"será possivel utilizando nossas bases, demolir a maior parte das cidades de qualquer outra potência".**

Qual é, pois, essa potência?... A URSS. Eis aí com que sonham, ao que parece, os senhores sábios de Yale em seu livro "A arma absoluta",

Nesse livro consagrado à "arma absoluta", a bomba atômica, um grupo de autores americanos, entregando-se a considerações suspeitas, escreve: **"Se nós (quer dizer os americanos) não formos capazes de desferir o primeiro golpe e de eliminar assim uma ameaça antes que ela se materialize, isto é, empreender alguma coisa que nossa Constituição nos proibe formalmente, então estaremos condenados a perecer em conseqüência de um ataque atômico".** Parece que êsses senhores estão prontos a consentir até o sacrifício de sua Constituição para serem os primeiros a atacar e a lançar bombas atômicas mesmo que ninguém no mundo pense sequer em lançar bombas atômicas sôbre a América. Os autores dêsse livro mentiroso e caluniador sabem muito bem que ninguém pensa em lançar bombas sôbre a América, mas têm conveniência em mentir e caluniar, e suas penas servis espalham essas mentiras através do mundo, por milhões de exemplares, pois esta é a ordem dos monopólios que têm em suas mãos as alavancas da informação.

Esse livro, a pretexto de raciocinios "científicos", fala do perigo de **"ações unilaterais da parte desta ou daquela grande potência"** e diz que, se no futuro intervierem essas "ações unilaterais", elas não podgrão vir, na maioria dos casos, simão da parte da União Soviética. Esse argumento conduz à conclusão provocadora de que **"um perigo sério para os Estados Unidos reside no fato de que, sem a desejada advertência de nossa parte** (isto é, da parte dos Estados Unidos,) **a União Soviética pode desencadear a guerra contra nós um dia dêsses".**

No estádio «Dinamo», de Moscou, Stalin e Molotov recebendo ramos de flores oferecidos pelas crianças. (Foto Interpress).

Os trechos do livro citado acima permitem por si sós dar-se conta de quanto são variadas, nos Estados Unidos as formas e os métodos de propaganda para uma nova guerra dirigida, em primeiro lugar, contra a União Soviética.

Um relatório publicado na revista "Chemical and Engineering News", onde, numa secção intitulada "Ciência e civilização" são abertamente exaltadas tôdas as vantagens mortíferas da guerra bacteriológica, permite julgar até onde vai essa propaganda que vem acompanhada do pedido para que se produzam os mais mortíferos engenhos de guerra. E' para o mesmo fim que tende um artigo da revista "Army Ordnance", consagrado a um novo tóxico para cujas pesquisas, segundo essa revista, foram gastos 50 milhões de dólares, despesas que estão "plenamente justificadas", segundo o autor, pois uma onça dêsse tóxico basta para matar **180** milhões de seres humanos.

Lendo essa literatura pretensamente científica, tem-se uma visão da atividade diabólica exercida pelos fazendeiros e propagandistas duma nova guerra, a fim de criar a atmosfera desejada e excitar os espíritos com a idéia insensata duma guerra.

O estado de espírito criado na opinião pública por essa propaganda, derramada pelos reacionários sôbre o mundo inteiro e que se sente com uma clareza particular nas esferas de influência americanas, é dado por um artigo do jornalista inglês Vernon Bartlett, publicado no mês de agosto dêste ano, no "News Chronicle" de Londres. Esse artigo contém estas linhas significativas: **"Desde que se chega à zona colocada sob o comando do general Mac Arthur e quando se atinge Okinawa, no caminho do Japão, fica-se chocado com o tom da imprensa americana em tudo o que concerne à União Soviética. Não se pode, de forma alguma, censurar no soldado americano se, depois de ter lido êsses jornais, êle chegar à conclusão de que a guerra contra a URSS aparece como uma questão de meses. Os japoneses seriam uns imbecis se não tomassem nota dêsse estado de espírito que toca às raias da histeria".**

Este informe concorda com o da revista "New Week", que publica um artigo do seu redator de política estrangeira Kern, de volta duma recente viagem ao Japão. Diz Kern que no Japão os generais americanos procuram sistemàticamente convencer à camarilha militar japonesa da iminência e da necessidade de guerra contra a União Soviética. Kern conta que um número considerável de pilotos "da morte" japoneses se apresentaram nos aeródromos americanos e declararam estar prontos para participar em uma nova guerra contra a União Soviética, a qual, pelo que haviam compreendido já tinha começado. Kern indica que os japoneses se servirão, sem dúvida e logo dessa possibilidade de bater-se contra os russos, e que o exército japonês, apoiado pelos Estados Unidos, seria certamente capaz de **"apoderar-se da Rússia asiática"** a léste do lágo Baikal.

"O dominio dos mares, conservado pelos Estados Unidos, acrescenta Kern, tornaria por assim dizer possivel um desembarque em qualquer lugar. O próprio Japão estaria ao abrigo, por trás da proteção das frotas aéreas e navais americanas superiores. Esses fatos estratégicos cheios de ameaças explicam a ausência da Rússia na Conferência da Paz com o Japão, nunca será um motivo de tristeza".

Acrescentarei, de minha parte, que êsses fatos explicam ainda muitas outras coisas que deveriam fazer corar de vergonha qualquer homem honesto.

As diretrizes dessa propaganda

Assim vem sendo conduzida, há já muito tempo, sistemàticamente, essa propaganda guerreira nos Estados Unidos. As principais diretrizes dessa propaganda são:

1º — O receio da União Soviética — apresentada como uma grande potência que estaria visando a dominação mundial e se preparando para atacar os Estados Unidos — é propagado e inculcado de tôdas as maneiras possíveis pelo uso mais vergonhoso das calúnias mais diversas e declarações provocadoras contra a U.R.S.S.

2º — Uma propaganda aberta prossegue atualmente pelo aumento dos armamentos, o aperfeiçoamento das armas atômicas, enquanto nenhuma tentativa se faz para limitar e menos ainda proibir o emprêgo das armas atômicas;

Discurso De Vichinsky
(CONTINUAÇÃO)

3º — Fazem-se atualmente apêlos abertos a um ataque imediato contra a U.R.S.S. Procura-se ao mesmo tempo provocar o temor pela fôrça militar da União Soviética, de um lado, e sublinha por outro lado, a necessidade de aproveitar a situação atual em que, segundo a opinião dos fazedores de guerras, a U.R.S.S. está militarmente fraca, não se tendo ainda restabelecido da segunda guerra mundial. Assim, inspira-se o medo do poderoso "urso branco", a União Soviética, mas faz-se questão ao mesmo tempo para atacá-lo o mais depressa possível, enquanto o "urso branco" não está ainda muito forte, enquanto não estão ainda fechadas tôdas as feridas que recebeu;

4º — A psicose de guerra, fomentada e sustentada por circulos militaristas e expansionistas dos Estados Unidos, é mantida na sociedade americana por todos os meios possíveis;

Os elementos progressistas dos Estados Unidos dão-se conta dessa situação e se esforçam por denunciar os preparativos de guerra que se fazem atualmente nos Estados Unidos e por apaziguar os espíritos contaminados pela loucura guerreira. Esses elementos progréssistas dos Estados Unidos e a parte progressista da imprensa americana denunciam os preparativos de guerra que continuam a ser feitos nos Estados Unidos por instigação dos grupos militares e de diversas organizações reacionárias.

E' assim que o presidente da Associação dos "Cidadãos progressistas dos Estados Unidos", Klingdom, escreve no "New-York Times" a êsse respeito, que no centro de tôda essa propaganda se encontram pessoas de mentalidade militarista que ocupam altas funções nos Ministérios da Guerra e da [illegible] membros da Câmara dos [illegible] tantes e do Senado que [illegible] ouvidos aos apelos [illegible] dos dirigentes de monopólios e alguns representantes dos meios clericais. O grupo militar, continua Klingdon, espera que será possível fabricar qualquer acidente que sirva de pretexto ao lançamento de algumas bombas atômicas.

A revista "American Mercury", em seu número de fevereiro dêste ano, analisa o plano do exército americano [illegible] que se [illegible] para uma [illegible] guerra mundial? Esse artigo [illegible] atualmente a chave de todo o plano governamental em Washington, onde a possibilidade de uma terceira guerra mundial é tomada em consideração". Esse artigo adquire uma significação tôda particular, visto que a conclusão foi tirada por autoridades militares tais como Patterson, Royall e outros dirigentes do exército americano.

Os fatos que acabo de citar demonstram claramente que os iniciadores principais da propaganda e da provocação a uma nova guerra são os circulos reacionários americanos, que só procuram a satisfação de seus interêsses egoístas e que estão prontos, na defesa dêstes interêsses, a mergulhar a humanidade numa nova guerra mundial devastadora.

Apelos à guerra dos reacionários do mundo inteiro

Mas os reacionários americanos não estão sós: êles são ajudados por seus partidários em outros paises, que trabalham para forjar blocos militares e politicos, ocidentais, nórdicos e outros. Sob êsse ponto de vista, convém mencionar certas declarações de personalidades políticas inglêsas, as quais, na verdade, não falam com a mesma resolução que seus parceiros americanos; elas atuam, de preferência, às escondidas, mas num estado de espírito igualmente alarmista.

Todo mundo se lembra do discurso de Churchill em Fulton, no qual, referindo-se a "uma concepção estratégica geral" — era assim que êle chamava as suas declarações — o ex-primeiro ministro britânico cometeu "um ato perigoso, destinado a semear germes de discórdia entre os Estados aliados e a tornar mais difícil sua cooperação", como declarou com justeza o generalíssimo Stalin [illegible] que a [illegible] sr. Churchill [illegible] um apelo à guerra contra a U.R.S.S.".

[illegible] que, à Organização das Nações Unidas, que é uma associação de povos e de [illegible] diferentes. Churchill [illegible] uma associação de povos que só falassem [illegible]

(Conclui na 8ª

PROPOSTA DA URSS EM DEFESA DA PAZ

A CLASSE OPERÁRIA

ANO II — RIO DE JANEIRO, 15 DE OUTUBRO DE 1947 — N.º 95

Discurso De Vishinsky

(FINAL)

coisa em que se assemelhou a Hitler, que começou por "desencadear a guerra proclamando a teoria racial e declarando que sòmente os homens que falam o alemão representam uma nação no verdadeiro sentido do têrmo" (Stalin). Presentemente Churchill afirma que só os homens que falam inglês representam uma nação no verdadeiro sentido da palavra.

Nós nos lembramos também de muitas outras coisas contidas nesse discurso no qual Churchill levantou insinuações e calúnias contra a União Soviética.

Fazendo côro com seu pai, Churchill Filho bateu o "record" de excitação à guerra com a declaração que fez em Sidney, a 3 de setembro.

As intervenções familiares dos Churchill não podiam por si mesmas interessar senão a um mundo restrito de pessoas. Mas elas esclarecem o trabalho tenebroso a que se entregam certos meios inglêses contra a paz, trabalho que tende a organizar uma nova guerra, seja sob a forma de uma repetição da famosa campanha de Churchill contra a Rússia, seja sob qualquer outra forma — a diferença aqui não tem importância.

A êsse respeito, convém também notar um fato como o funcionamento que até agora ainda não cessou, do estado-maior anglo-americano unificado, em Washington. Sabe-se que a Grã-Bretanha está representada nesse Estado-Maior por uma missão militar dirigida pelo general Morgan, e os Estados Unidos por uma missão militar dirigida pelo Almirante Leahy.

Se bem que a guerra tenha terminado há dois anos, êsse estado-maior anglo-americano unificado, criado para a coordenação das operações militares contra a Alemanha e o Japão continua existindo, não se sabe com que objetivos.

E' desnecessário enumerar os diversos aspectos da campanha de calúnias e provocações, absolutamente desenfreada e que ultrapassa todos os limites do admissível, que se desenvolve na Turquia, há já muito tempo, excitando à guerra contra a U.R.S.S. A imprensa reacionária turca acerta o passo pela imprensa reacionária americana.

"Por onde passe o senhor, passará o lacaio". Todos os dias, a imprensa turca espalha calúnias infames a respeito da U.R.S.S., acusando-a de querer apoderar-se da Turquia, (como escreveu o jornal "Akcham"), entregando-se a previsões provocadoras segundo as quais **"as Nações Unidas procurarão assestar contra a Rússia um golpe decisivo, partindo do mar Negro"** ("Democraci Ikhsan"), incitando o povo turco a preparar-se para a guerra e exaltando ao mesmo tempo a potência militar dos Estados Unidos, considerados como inevitável entrar em guerra contra a U.R.S.S..

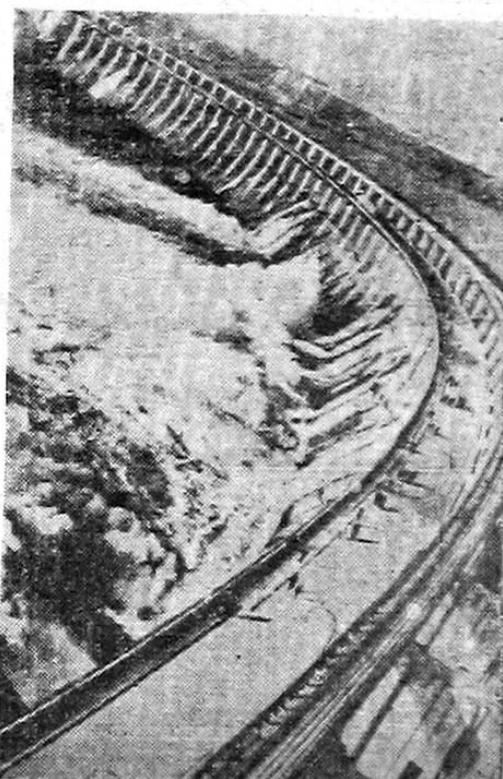
No artigo de um certo Daver, o famoso "Djoumkhouriet" declarou com cinismo que **"o único meio suscetível de pôr Moscou no bom caminho"** é a guerra. Em "Ulus", é o deputado Atai — o diretor dessa fôlha — que lhe faz éco, declarando que **"já chegou o momento para a América e a Inglaterra tomarem medidas mais decisivas"**. O mesmo zêlo é manifestado pelo diretor do jornal "Tanin", cujo Ialtchine, muito conhecido por sua atividade provocadora, e que declarara, já no mês de setembro do ano passado, que tinha chegado a hora **"de suspender a bomba atômica por cima da mesa de conferência e convidar os russos a conversações francas"**. Ialtchine exigia que se apresentasse aos russos um "ultimatum" dizendo-lhes que **"as bombas atômicas choveriam sôbre êles se não consentissem na criação de uma nova ordem internacional"**.

Êsse mesmo Ialtchine escreveu êstes dias que só se pode falar com Moscou na linguagem do "ultimatum" e exigiu **"a unificação do mundo inteiro contra a Rússia"**. A linguagem do "ultimatum" com que Ialtchine anda sonhando é a linguagem — que nós todos conhecemos — de **política firme** dos Estados Unidos.

Apelos tão provocadores como êsses são lançados por outros lacaios da pena, tais como Advyza, do jornal reacionário turco "Erguénékon", o professor Nikhat Evim, deputado e membro da Comissão de Assuntos Estrangeiros no parlamento turco, e por alguns outros.

Êsse ruido provocador é apoiado enèrgicamente pelos jornais reacionários gregos, principalmente por "Elinikon Ema". Êsse jornal publicou ultimamente um artigo em que se lê: **"Que os russos não se esqueçam de que a fonte principal do petróleo russo está em Bakú, a 100 quilômetros apenas da fronteira turca, ao alcance da mão"**.

E tudo isso se passa impunemente sob os olhares do mundo inteiro.

Sao essas as manobras dos inimigos da Paz, que excitam uma nova guerra, em nome dos seus interêsses egoistas e dos lucros que tirariam dum conflito que mergulhasse a humanidade em novos sofrimentos e numa nova miséria. Não há dúvida que esta campanha de excitação a uma nova guerra encontrará a reprovação severa e resoluta da parte de milhões de sêres humanos.

Uma das maiores represas do mundo é a de Diepropetrovsk, que aciona a Estação Hidroelétrica do Dnieper, na União Soviética.

Comandos De «A Classe Operária»

A "A CLASSE OPERÁRIA" realizará até 17 do corrente os seguintes "comandos":

Dia 15 — Quarta-feira — Cais do Pôrto — Equipe Belmiro — Vereador Joaquim do Rêgo.

Dia 15 — Quarta-feira — São Diogo — Equipe Léo — Vereador Antônio Soares de Oliveira.

Dia 16 — Quinta-feira — Cotonifício Gávea — Equipe Zilá — Vereador João Massena Melo.

Dia 17 — Sexta-feira — Fábrica Bom Pastor (rua Bom Pastor, 33) — Equipe Méliga — Vereador Otávio Brandão.

"COMANDOS" ESPECIAIS EM NITERÓI E EM PETRÓPOLIS

Procuramos um entendimento com os nossos amigos do Estado do Rio para dar-nos sua ajuda e cooperação nos "Comandos" especiais de "A CLASSE OPERÁRIA" em Niterói e Petrópolis. Não nos tendo chegado qualquer resposta ou confirmação, não podemos esperar e resolvemos com os membros das equipes do Distrito Federal, organizar e realizar os ditos "comandos", nos seguintes dias:

Dia 14 — Terça-feira — Niterói — A partir das 14 horas — Equipes Léo, Elicio, Belmiro, Zilá, Alzira, Boffa, Jambo, Guimarães, José de Oliveira, Méliga, Ilka e Atila nas seguintes fábricas: Fábrica Cia. Petropolitana (B.

Dia 16 — Quinta-feira — Petrópolis — O dia todo Cascatinha) — Equipes Léo e Ilka: Fábrica Werner (B Araraquara) — Equipes Elicio e Zilá: Fábrica Santa Irene (B. Exposição) — Equipes Méliga e Carmen: Fábrica Dona Isabel (próximo à estação) — Equipes Belmiro e Baffa: Fábrica Santa Helena — Equipes Guimarães e Atila, e Fábrica São Pedro de Alcântara (Av. Washington Luiz) — Equipes Jambo e José de Oliveira.

Os Camponeses Devem Levantar Seus Problemas

O DEPUTADO Lourival Villar, da bancada comunista na Assembléia Legislativa de S. Paulo, levantou, em discurso, os problemas dos camponeses de Vera Cruz. Referiu-se principalmente aos colonos e meeiros das fazenda Santa Tereza e Pau-D'Alho, naquele município, lendo uma relação do que recebem mensalmente. Mostrou que Quirino Vicentino, com 4 filhos e mulher, tem de mesada 360,00, isto é, uma pessoa é obrigada a viver durante todo o mês com menos de 50,00; José Dimeio, com três filhos e mulher, recebe mensalmente 324,00; Paixão Filho, com seis filhos e mulher tem de mesada 400,00. Citou muitos outros casos, e salientou ainda que os camponeses não recebem em dinheiro, mas sim em ordens para gastar o que devia receber em mercadorias e isto na própria fazenda onde trabalha.

Levantando êsses problemas o deputado Villar encaminhou uma indicação no sentido de que a Secretaria do Trabalho envie um fiscal para verificar no local as condições de trabalho dêsses camponeses.

Citamos êste fato para reforçar um apêlo que daqui fazemos a todos os camponeses do Brasil para que façam como os colonos e meeiros de Vera Cruz: escrevam aos seus deputados narrando-lhes as suas condições de trabalho, as suas misérias, expondo as suas reivindicações. Só com a colaboração dos camponeses, com sua participação efetiva, poderão os seus problemas alcançar soluções justas.

A ONU DEVE PROIBIR TÔDA PROPAGANDA DE GUERRA

O govêrno soviético considera que uma tal situação não pode mais ser tolerada pela consciência dos povos que suportaram tôdas as misérias da segunda guerra mundial recentemente terminada e que pagaram com seu sangue, seus sofrimentos e sua ruina esta guerra que foi imposta aos povos pacíficos.

Em nome do govêrno soviético, a delegação soviética declara que a U.R.S.S. considera como uma tarefa urgente a adoção pela ONU, de medidas contra a propaganda em favor de uma nova guerra que é feita atualmente nos Estados Unidos. Com êsse fim, a delegação soviética propõe a resolução seguinte:

I — A Organização das Nações Unidas condena a propaganda criminosa em favor de uma nova guerra, desenvolvida em vários paises, e principalmente nos Estados Unidos, na Turquia e na Grécia, pelos meios reacionários, através de mentiras de tôda espécie difundidas pela imprensa, o rádio, o cinema e discursos públicos que exortam contra os paises democráticos pacíficos.

II — A Organização das Nações Unidas considera a tolerância, e com mais forte razão, a proteção dessa espécie de propaganda em favor de uma nova guerra, que se transformará inevitàvelmente numa terceira guerra mundial, como uma violação do compromisso assumido pelos membros da ONU, cuja Carta exige "O desenvolvimento das relações amistosas entre as nações, na base do respeito ao princípio de igualdade e auto-determinação dos povos, e a adoção de tôdas as medidas apropriadas para consolidar a paz universal" assim como "não se expor a uma ameaça a paz internacional, a segurança e a justiça (Art. 1.º, parágrafo 2; artigo 2.º, parágrafo 3).

III — A Organização das Nações Unidas julga necessário convidar os governos de todos os paises a proibir, sob pena de sanções penais, tôda propaganda de guerra, sob qualquer forma que seja e a tomar medidas a fim de impedir e liquidar a propaganda guerreira como atividade socialmente perigosa, que ameaça os interêsses vitais e o bem-estar dos povos amantes da paz.

IV — A Organização das Nações Unidas confirma a necessidade de pôr o mais ràpidamente possivel em aplicação a decisão da Assembléia Geral de 14 de Dezembro de 1946 sôbre a redução dos armamentos e a decisão da Assembléia Geral de 24 de janeiro de 1946 que exclui dos armamentos a arma atômica e todos os outros tipos essenciais de armas destinadas ao extermínio em massa, e estima que a realização dessas duas decisões corresponde aos interêsses de todos os povos pacíficos e assestaria um golpe muito duro à propaganda e aos instigadores duma nova guerra.

O generalíssimo Stalin afirmou, na sua saudação à Cidade de Moscou, que Moscou é o arauto da luta por uma paz sólida e pela amizade dos povos, o arauto da luta contra os instigadores de uma nova guerra.

Estas palavras do chefe dos povos soviéticos encontraram profunda repercussão no coração de todos os cidadãos soviéticos e, estamos certos, no coração de todos os homens do povo, dos homens honestos e progressistas do mundo inteiro. A União Soviética não poupará esforços para que esta grande tarefa seja levada a bom têrmo.